

## ESCAPE AO DESTINO SOCIAL

Jamylle Rebouças Ouverney-King<sup>1</sup>

**Resumo:** Escapar ao destino social significa fugir ao que você estaria predestinado. Podemos dizer que os imigrantes escapam aos seus destinos sociais, uma vez que mudam do local de origem, onde nasceram, para uma nova localidade, para lá permanecer, ou não. Este artigo apresenta quatro perspectivas sobre deslocamentos (transnacionalismo, cosmopolitismo, migração internacional e migração por estilo de vida) na visão de seis estadunidenses e ingleses que tomaram João Pessoa, na Paraíba, como sua sociedade-lar. Nesse sentido, percebe-se como a migração não pode ser concebida como um conceito único e sim uma forma híbrida de mobilidade, especialmente quando é vista pelo viés do sujeito que desvia do padrão e segue sua motivação pessoal, se recriando e se reposicionando subjetivamente no globo.

**Palavras-chave:** escapismo; sociedade-lar; teorias migratórias; João Pessoa;

destino social.

**Abstract:** Escaping your social destiny means fleeing from what was planned for you. Thus it is possible to assert that immigrants escape their social destinies since they move from their original birthplace into a new locality where they will remain, or not. This paper presents four perspectives about displacements (transnationalism, cosmopolitanism, international migration and lifestyle migration) under the view of six North Americans and British men who took João Pessoa, in Paraíba, as their home society. That said, it is possible to conceive migration not as a unique concept but as hybrid mobility system, especially when it is analyzed through the subject's point of view, the one who goes against the standard and follows his personal motivation while recreating and repositioning himself globally.

**Keywords:** escapism; home society;

---

<sup>1</sup> Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas – UFSC. Professora de Língua Inglesa, Seminários Interdisciplinares e Sociolinguística do IFPB.

migration standpoint; João Pessoa; social destiny.

## **APROXIMANDO A MIGRAÇÃO DO SUJEITOS**

Neste artigo apresento um breve apanhado de quatro termos que giram em torno do universo migratório. Para tanto, faço uso de entrevistas com seis estrangeiros, estadunidenses e ingleses, moradores da cidade de João Pessoa, na Paraíba, e utilizadas em minha tese de doutorado (Ouverney-King, 2014b), para situar os termos e os sujeitos em campos diferentes do conhecimento sobre a migração, mas que não se engessam somente em tais conceituações. Por meio de seus relatos<sup>2</sup>, é possível vislumbrar o quão híbrido o movimento migratório pode ser em termos de motivações para o deslocamento e permanência no local desejado. Nesse sentido, aproveito o ensejo para propor uma visão alternativa da migração pelo olhar dos sujeitos

entrevistados e que permitem tal abordagem.

Cheguei até os sujeitos ora por aproximação, em decorrência do campo de trabalho, ou de estudo, ora por recomendação de amigos que tomaram conhecimento da minha pesquisa e me indicaram seus conhecidos. Ressalto que são professores de Inglês, por formação ou por opção, que saem de países, econômica e culturalmente influentes, para o Brasil, considerado em desenvolvimento, porém em crise. Suas motivações, frustrações, percepções da vida na *Terra Brasilis*, entre outros elementos, são importantes na composição do panorama daquele que se movimenta de um ponto a outro no globo com a intenção de fixar-se.

As entrevistas foram realizadas ou em língua portuguesa ou inglesa, nas residências ou locais de trabalho, ficando tais decisões a cargo dos entrevistados. Dos seis entrevistados, apenas Steve (2012, 2013) optou pelo português como

---

<sup>2</sup> Procurei, durante a transferência do material do meio auditivo para o escrito, incorporar os elementos paralinguísticos de acordo com os códigos, a saber: pausa [ ]; pausa longa [pl]; risos [r]; quando há uma hesitação [h]; quando há uma mudança de tópico [mt]; interrupção [/]; [palavra(s)] quando o entrevistado utiliza um termo ou expressão diferente da língua enunciada, neologismo ou tradução aproximada, nesse caso estarei utilizando os [] para colocar o termo

ou expressão equivalente; entonação mais forte através do recurso negrito, tanto para uma palavra quanto para uma expressão ou frase; itálico para expressões que não pertencem à língua em que a entrevista está sendo realizada. Com o objetivo de compartilhar da minha experiência, exploro as primeiras impressões.

forma de comunicação<sup>3</sup>. Gary e Kevin são dos Estados Unidos da América e John, Steve, Peter e Robert nascidos no Reino Unido. Compartilham do mesmo espaço geográfico de origem, um país falante da língua anglo-saxônica, da decisão de imigrar para o Brasil e, futuramente, para a cidade de João Pessoa, despertando uma curiosidade no meu olhar sobre as motivações intrínsecas e extrínsecas desses imigrantes contemporâneos. Eles também compartilham o fato de serem casados com mulheres brasileiras, algumas nativas de João Pessoa, outras nascidas em diferentes estados da federação, o que pode ter sido um indicador ora para a migração, ora para a permanência no Brasil.

Com o objetivo de ilustrar os diferentes espaços de tempo de suas chegadas apresento uma linha do tempo (Figura 1), onde são indicados os anos e os nomes, respectivamente, em que eles

completaram suas viagens chegando até João Pessoa. Desta forma, o período de análise das memórias sobre as trajetórias compreende o espaço de tempo de 40 anos, entre os anos de 1969, com a chegada de Steve no final da década de 60 do século XX – então com 23 anos, e o ano de 2009, com o segundo deslocamento, e fixação, de Peter no final da primeira década do século XXI, à época com 34 anos. Registro apenas os anos que os entrevistados marcaram, discursivamente, como a data de mudança definitiva para o Brasil, muito embora quase todos tenham se deslocado, entre idas e vindas, com exceção de Gary que desde o ano de 1976, à época com 33 anos, manteve-se em João Pessoa<sup>4</sup>. David, o primeiro, mudou-se com 30 anos, John registrava 41 e Robert 43 anos. Infelizmente, não tive a oportunidade de uma segunda entrevista com Kevin, logo não disponho das informações sobre sua idade.

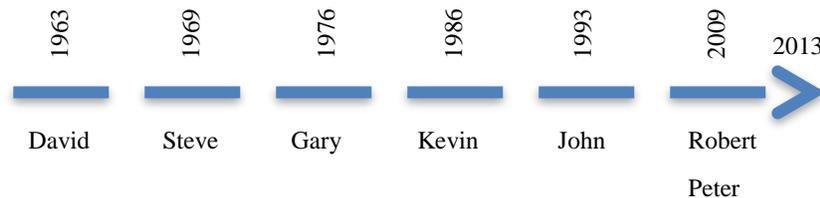
---

<sup>3</sup> É factível que as construções de significados e de subjetividades estão diretamente entrelaçadas às noções culturais que, inevitavelmente, estão associadas às linguísticas. Discorrer em português sobre sua experiência no Brasil significa muito mais do que expressar a habilidade de manipulação e controle linguístico, significa expressar na língua do país, que elegeu como lar, sua identificação com o mesmo. Steve mostra a identificação e centralidade da

língua no seu cotidiano. Língua e experiência estão inscritas uma na outra de forma imbricada.

<sup>4</sup> Os intervalos de permanência, momentos de migração e detalhes sobre idas, paradas intermediárias e chegadas são abordados em minha tese nos Capítulos Dois, Três e Quatro (Ouverney-King, 2014b).

Figura 1 Linha do tempo ilustrando as chegadas dos entrevistados ao Brasil



Coloco em foco seis sujeitos em um universo de muitos outros estrangeiros, que não são trazidos aqui, mas que, certamente, possuem trajetórias similares. Não por acaso situo essas trajetórias, mas por opção, já que minha intenção não é generalizar e sim prover destaque ao que se apresenta como mais singular nesses processos migratórios individuais, tendo em vista que o foco no particular não privilegia o micro em detrimento do macro. A seguir, exploro o viés migratório pela voz desses estrangeiros que escaparam ao destino social de permanecer no local onde nasceram e se ‘aventuraram’ no Brasil.

### LOCALIZANDO TERMOS SOBRE DESLOCAMENTOS HUMANOS

Ao explorar a relação entre o campo social da história e o estudo das

migrações, Hasia Diner (2000: p. 27) identifica, a propensão a evitar a existência de um “corpo teórico acadêmico que poderia ser chamado de *teoria de migração*”. Portanto, acredito ser apropriado falar em migração não como uma teoria única, mas como um conjunto orgânico e social, o qual funciona como um guarda-chuva, que se abre, contendo outras abordagens acerca das movimentações, motivações, especificidades e nuances no que concerne o ‘perambular humano’.

Nesse sentido, diversas são as expressões utilizadas para fazer referência à migração, as quais podem ser associadas a algum/a autor/a, que, por sua vez, podem ser associadas a uma localidade. Quando uso o termo localidade, não me refiro a uma localização meramente física, geográfica ou política. Me valho da compreensão de localidade como o lugar

de enunciação, de onde fala cada autor/a, experiências acumuladas ao longo dos tempos e que proporcionaram ao momento da escrita a perspectiva em questão sobre o movimento humano. Considero que cada um/a desses/as autores/as propõe uma definição, a partir de seu local de enunciação.

A escrita, a fala, enfim, a reflexão, é permeada pelo que chamo de ‘mala de mão’, a qual não é uma embalagem lacrada a vácuo, portanto, não é impossível ser aberta. Não precisa ser, necessariamente, pequena e pode não ter um fundo físico e finito, propriamente dito. Pode até ficar invisível aos outros olhares, mas, para o/a dono/a, sempre estará lá, a postos e ao alcance imediato. A ideia compreendida encerra-se no fato de que pode ser levada para onde seu/a dono/a queira. Nela são depositadas, às vezes com pressa, às vezes cautelosamente, experiências, leituras, sonhos (alcançados ou não), angústias, sucessos, desejos, memórias (em formato de filme, de foto, de áudio e até em dimensões gustativas ou olfativas), uma infinidade de momentos ali guardados e que possibilitam determinar o local de fala do sujeito. Em outras palavras, a mala de mão configura um conhecimento de

mundo que vem sendo acumulado desde o nascimento de quem a possui até o momento da escrita ou fala daquele/a que a carrega. Reforço, ao mencionar o vocábulo local, que este não precisa ser necessariamente um ponto possuidor de coordenada geográfica, com longitude e latitude marcadas em mapas. Arjun Appadurai (1996) assinala que a produção de localidade pode emergir de práticas globais ou locais. Susan Friedman (2001) segue esse fio condutor e mostra que as localidades não possuem um ponto específico, por estarem em constante movimento no tempo e no espaço. Assim, não há possibilidade, propriamente dita, de fixar a localização de uma teoria, mas sim sua existência pelos locais por onde transitamos, constantemente nos dobrando e desdobrando, adquirindo novas traduções. Para Stuart Hall (2003),

o ‘local’ não possui um caráter estável ou trans-histórico. Ele resiste ao fluxo homogeneizante do universalismo com temporalidades distintas e conjunturais. Não possui inscrição política fixa. [...] Ele emerge em muitos locais, entre os quais o mais significativo é a migração planejada ou não, forçosa ou denominada ‘livre’, que trouxe as margens para o centro [...] (HALL, 2003: p. 61-62).

Percebo que a localidade, ou a

localização de um sujeito, associa-se antagonicamente à dupla noção de semelhança – nas práticas produzidas – e diferença – por serem diferentes de outros sujeitos. Adrienne Rich (2002) fala sobre o papel ambíguo da localização: situar cartograficamente como em um mapa, mas localizar histórica e socialmente, política e religiosamente, enfim, nas mais variadas esferas, o sujeito. Ela expressa preocupação sobre a compreensão dos vários locais ocupados pelos sujeitos, os quais, simultaneamente produzem o sujeito e que por ele são produzidos. Daí a impossibilidade de engessar a localidade em um ponto único e cartograficamente demarcado. Entendo assim que a localização, enquanto produção subjetiva, não se configura como uma benesse concedida pelo outro. Vem de dentro do sujeito, mas, do mesmo modo, pode ser constituída na relação com o outro. Na verdade, é o sujeito quem primeiro se localiza através da subjetividade e é ele quem autoriza o outro a localizá-lo dentro de sua singularidade. Rich (2002) cita várias ações (e eu infiro que poderiam ser reações) que localizam o sujeito: a cor da pele, o gênero, a religião, a política que segue, a sociedade que frequenta, ou não

frequenta, a posição financeira, a leitura que faz, enfim, um sem-número de inscrições cartográficas no sujeito que o fazem ser o que é e como é, além de suas representações pelo outro e um hibridismo sem fronteiras.

Algumas dessas ações são exemplificadas em relatos nos quais os sujeitos mostram como eram identificados pela aparência física (Ouverney-King, 2014a), por suas impressões sobre as relações de gênero de brasileiras na Europa (Ouverney-King, 2014b), entre outras ações que vieram acompanhadas de reações e que, constantemente, se configuram em experiências e moldam suas subjetividades. Vou um pouco além e adiciono outras inscrições que o sujeito pode fazer no próprio corpo, como o uso de brincos, anéis, colares, tatuagens, a forma de vestir-se e de usar o cabelo, os quais podem ser pontos de localização subjetiva. Rich (2002) enfatiza que, uma vez localizado, o sujeito assume responsabilidade sobre seu ponto mapeado na sociedade. Ele se preocupa com seu ‘novo’ local, como é o caso de Peter:

Ahmm I like it, I think, you know, I like it, I think it's changing, I think it will, I am interested to see what happens in the next few years, after,

you know, the protests, and the World Cup, and Olympic Games, there will probably be more protests, but the culture, I like the culture, I guess, it's open and [ ] I think João Pessoa could have more cultural things, like theatres and, I don't know, but I think the people, I think Brazilian people are quite into it. (Peter, 2013)

O novo local geográfico e de inscrição pessoal preocupa Peter e o instiga a querer desvendar o futuro. Ele articula um *topos* sobre os acontecimentos já ocorridos e os que estão por vir, associando-os a um modo de ser brasileiro, que por ele é apreciado e criticado. O sujeito localizado tem coordenada de latitude e longitude, mas não depende exclusivamente dela, pelo contrário, promove a interação da coordenada de origem com a de destino atual. A localidade inscreve-se diretamente na concepção de pertencimento, pois, como bem assevera Hall (2003), é através dos nossos vínculos, visões de mundo, que nos revelamos e somos revelados.

De um modo geral, as tipologias (Brettell, 2000) desenvolvidas ao longo dos anos, por teóricos que realizam pesquisas no campo dos deslocamentos, procuram 'encaixar' os movimentos migracionistas em um quadro teórico pré-

estabelecido, no qual um indivíduo ou um grupo, que desempenha características semelhantes no seu percurso de migração, é 'enquadrado' de acordo com determinadas características em uma dada teoria. São teorias que têm o foco de estudos moldado pelas economias – locais, regionais, nacionais e internacionais –, conexões entre as sociedades, além das conexões estruturais familiares e outras estratégias domésticas formadas ao longo do trajeto migratório. Mobilidades, fluxos migratórios, transnacionalismo, migração internacional, cosmopolitismo, migração por estilo de vida, de retorno, ou de fixação, são as várias taxonomias empregadas para compreender um fenômeno que faz parte da vida do ser humano há muito tempo. Algumas delas entrelaçam-se na vasta teia terminológica. Outras, contudo, dizem respeito às formas bem específicas no que tange o estilo, os processos e os espaços do deslocamento humano.

Selecionei reflexões teóricas que não engessassem os sujeitos dentro de categorias específicas e pré-determinadas. Porém, somente uma reflexão teórica não daria conta das especificidades e nuances contidas nas narrativas dos sujeitos

entrevistados, daí minha seleção pelos pressupostos teóricos abordados a seguir. Faz-se mister elucidar o que cada um representa. Começo pelo transnacionalismo, o qual permite estratégias de mobilidade utilizando redes e diversos mecanismos de conexão.

### **TRANSNACIONALISMO**

O transnacionalismo é uma perspectiva que parece ter o perfil do século XXI, ainda que não reflita um fenômeno recente, pois as características transnacionais mais salientes, como o envio de remessas e o fluxo migratório, eram, de fato, elementos inerentes aos movimentos europeus de expansão do século XIV que, segundo Nina Schiller e Andreas Wimmer (2002), movimentariam objetos e ideias. Eu acrescentaria o fato de que, tanto os objetos, quanto as ideias, eram deslocados por, nada mais, nada menos, que as pessoas, o que implicaria, por conseguinte, em um deslocamento de fluxo humano.

Objetos, ideias, mulheres, homens, crianças, animais, incorporavam-se às viagens em uma época na qual documentos para viajar de um ponto ao outro, vistos para entrar e ou permanecer em um país – a trabalho, de férias, para

estudar, fazer tratamento hospitalar – não eram requisitados. Se as viagens eram mais árduas, logisticamente falando, a entrada no país seria um pouco mais fácil. Os processos transnacionais eram encorajados pelas nações em curso de industrialização e desenvolvimento. Assim, tais processos representavam benefícios econômicos, tanto para aqueles que recebiam as remessas, quanto para aqueles de onde as remessas partiam e para os países que dispunham dos cidadãos estrangeiros em tais condições.

Na sociedade contemporânea, as nações deixam de corresponder a uma unidade fronteiriça de língua, de povo, de cultura e passam a ser transnacionais, frente à movimentação humana ao redor do globo, elas vão além do visível e palpável, pois não se atém às fronteiras físicas dos territórios. Pensar ingleses e estadunidenses no exterior é talvez pensar uma potencial continuidade de suas nações na produção, por exemplo, de comunidades imaginadas.

Benedict Anderson (1990) alerta que as comunidades imaginadas não podem ser validadas a partir de suas características autênticas ou alteradas. Pelo contrário, devem ser distintas com

base na maneira como são imaginadas, local ou virtualmente, pelos sujeitos, individual ou coletivamente. Nesse sentido, os sistemas culturais e de representação são essenciais na definição do que é imaginado, de onde é imaginado, de que forma é imaginado, a qual mundo essa imaginação faz parte, conexões com outros mundos, representações visuais elaboradas, além, é claro, se essa imaginação remete a um conceito de nacional ou a um estereótipo de nacional, estando conectada à nação, seja esta de origem ou de destino.

Uma comunidade imaginada, para Avtar Brah (2003), manifesta-se através da presentificação da noção de lar, isto é, materializar aquele local como sendo o lar, por meio de sistemas de representação sobre famílias, redes familiares, colegas de trabalho, etc. É no estabelecimento de um lar que as jornadas se realizam, e são finalizadas, nos discursos observamos como esses sujeitos assumem posições subjetivas outras em relação ao novo lar:

I feel João Pessoa's problems are my problems, and then sometimes I get frustrated because I feel there is so much promise and it just sort of, nobody really fights, struggles to try to bring in improvements and so at times I sort of wonder how things could be changed [...]

(Kevin, 2012)

Desta forma, é possível acompanhar, em meio as nuances discursivas, como as características subjetivas em relação aos percursos e ao local de estabelecimento são (re)produzidas, à medida que os sujeitos vivenciam a cidade ou revivem jornadas, via memória individual ou coletiva, construindo suas comunidades imaginadas. A sensação de incapacidade frente aos problemas enfrentados na sociedade-lar (Ouverney-King, 2014b) gera insatisfação no estrangeiro que se sente parte daquele ambiente e por ele quer fazer algo positivo.

No caso de alguns entrevistados, a ideia de uma comunidade imaginada brasileira pode ser investida de expectativas quanto às identidades culturais, nas quais há uma encenação de identidades e identificações, como um jogo de culturas manifestado num contexto de contato, relacionados, por exemplo, a um 'fazer a América' fora da América: "[...] sometimes I say my contribution would be to bring in a really nice bookstore, just like in the United States, where people could go in and sit down, and

read and relax” (Kevin, 2012). Ao refletir sobre os problemas da cidade, necessidades e lacunas a serem preenchidas, Kevin traz uma visão do sonho estadunidense de ser independente, de ter seu próprio negócio, de ser um empreendedor que, ao mesmo tempo, contribui para o engrandecimento cultural do local que habita.

Dentro desse contexto, são sujeitos que não atribuem uma condição saudosista, quase que nostálgica, em relação à pátria e nem aos familiares que permaneceram na origem. Tampouco se apropriam totalmente das características e identificações locais na sociedade-lar, selecionando, dentre muitas, as que lhes são mais convenientes, interessantes e ou importantes incorporar. Destacam também as ausências e ressaltam que, através do seu *background*, podem auxiliar no preenchimento dessa carência. Desprendem-se de ligações com a sociedade de origem, mas não de uma forma total, deixam laços simbólicos, familiares, fronteiras de relações que compõem linhas tênues nas composições subjetivas.

Paul Gilroy (2006) acrescenta outros significantes de destaque na

composição de uma comunidade imaginada: manutenção de línguas, memórias e histórias contadas, ou passadas de um sujeito para outro, além da reprodução de rituais e comportamentos na sociedade de destino. Quando pergunto ao Robert sobre seus pais, ele me traz o relato que nos transporta às origens:

I will give you an example: my parents were from a small little community in the hills in Dominica. The hills, it's called Delice this community, and a lot of people from that community they would have one member of their family move to London, so they all kept together and they all moved to the same region within London together, so it's like a family within a family, they still have this contacts today, a lot of people are older today, a lot of people have died, passed on, but they still reunite at weddings, funerals, these kind of things, they [are] always together, they always maintain that contact and they speak to each other affectionately, it's like brother and sister, kind of, a relationship. (Robert, 2013)

No caso dos pais de Robert, somente a possibilidade de reproduzir eventos que retomassem o espírito da terra natal os unia, tornava uma família, ainda que os laços consanguíneos não existissem. A manutenção da comunidade imaginada de Delice em Londres realiza-se através dos eventos que os membros dão forma, põem em prática e reproduzem. É justo dizer que, em meio a essas reuniões,

os sujeitos, herdeiros dessa comunidade londrina de Delice, aqueles já nascidos no território inglês, proporcionam uma transferência da rotina de vivência e costumes para aqueles que participaram *in loco*, mas que dela são sucessores. Assim, o termo ‘imaginado’ não é aleatório, pois a constituição pode ocorrer na esfera mental do sujeito, lhe proporcionando uma sensação de alívio, conforto e talvez até desalienação, quando em situação de estresse causada pela vivência na sociedade-lar.

Estudar deslocamentos em uma perspectiva transnacional é ter uma ferramenta que auxilia a visibilidade dos processos políticos, históricos e subjetivos, os quais as teorias migratórias até então não haviam entrevisto, especialmente pelo fato de estarem pautadas no paradoxo dicotômico da atração e da repulsão (Isotalo, 2012), dominante até a década de 70, nos Estados Unidos e Europa, e década de 80, no Brasil. Sob a perspectiva do paradoxo, os/as migrantes seriam atraídos pelas novas possibilidades – a atração – e, uma vez satisfeitos econômica, social, culturalmente, retornariam à origem – a repulsão.

No transnacionalismo, o movimento entre fronteiras é estudado a partir do ponto de vista do/a transmigrante em relação às conexões por ele/a realizadas, desde o momento de partida, ao momento da chegada, fazendo constar o percurso até seu estabelecimento, suas batalhas pessoais e coletivas e, talvez até, caso ocorra, o momento do retorno. A qualidade de ação transnacional não advém de modo indispensável de conexões estabelecidas na sociedade de origem e pode, em algumas circunstâncias, ocorrer no local onde o sujeito já se encontra, como mostra Peter em sua declaração: “I took a letter from Mr. Barlow saying that he would, you know, that Cultura [Inglesa] would employ me for the Polícia Federal, you know, he was very helpful, he gave me a letter saying ‘we will employ Peter bla bla bla’” (Peter, 2013). Suas conexões foram estabelecidas com outro cidadão inglês que possuía à época uma escola de línguas na cidade, o que lhe possibilitou a entrada no mercado de trabalho brasileiro.

Tais ligações laborais permitem visualizar as redes sociais de comunicação e transmigração instauradas tanto na sociedade de origem quanto na sociedade-lar, identificando o fato de que o/a

transmigrante concede, muitas vezes, uma expansão do seu movimento, ao trazer consigo, ainda que tempos depois da sua primeira viagem, familiares, amigos, para morar e trabalhar. Todavia, tal característica não corresponde à situação descrita por meus entrevistados, os quais apontaram somente ter influência turística sobre amigos e familiares:

João Pessoa, well I had. A couple of years ago I had a couple of that, they came, they came to Brazil on their honeymoon, and they wanted to come visit me and I said 'yes come visit' and they came here and spent a couple of days with them, showing them around and went to a couple of places and showed them around, went to Coqueirinho, and they really enjoyed and they always keep saying 'ohh we want to come back' and I hope they will. (Kevin, 2012)

Em termos textuais o uso do verbo *to come* na fala de Kevin sinaliza a sua conexão com a cidade de João Pessoa. A influência que ele exerce em relação aos amigos alude a uma percepção do local enquanto ponto turístico, para relaxar e aproveitar os momentos das férias. Observo que o fato não é recorrente e ele, resignado, espera que eles retornem.

Nem todas as migrações podem ser caracterizadas como processos transnacionais, uma vez que nem todos os migrantes mantêm vínculos financeiros

simultâneos com suas sociedades de origem e de destino. No caso dos entrevistados, as conexões transnacionais transitam em esferas referentes ao emprego exercido de forma virtual, às formas como chegam ao Brasil e à aposentadoria. A pensão de Steve originase de empresa com sede na Inglaterra:

e como você sabe fiquei no Recife, era uma série de contratos [com o Conselho Britânico]. Fiquei doze anos. Eles tiveram que dizer, Steve, 'nunca ninguém fica trabalhando como estrangeiro num país e você é brasileiro e com toda essa comodidade, as compensações'. Eu tive um visto semi-diplomático, ganhando em libras esterlinas – depois de 94 não era grande vantagem com o Real, sofri com isso. E com um apartamento, tudo gratuito, um carro, podia comprar um carro, uma só vez, podia [ter] essas regalias para compensar, para compensar quem não é do país, pelos certos sacrifícios, eu falava português, minha esposa brasileira, meus filhos brasileiros, conhecia o país, sabia já que minhas raízes eram brasileiras. (Steve, 2012)

O relato indica que ele trabalhou para o Conselho Britânico durante um longo período e por intermédio do órgão se aposentou. Ele destaca as benesses que aquele emprego lhe proporcionou, salientando medidas compensatórias para o 'sacrifício' que seria para o inglês estar em outro país, diferente do que nasceu e

viveu. Observo o recurso da ironia na utilização do substantivo ‘sacrifício’ e na finalização da sua fala, na qual ele se percebe cercado pela ‘brasilidade’ nos mais diversos níveis – desde o emprego até a família. A relação antagônica entre discurso e a realidade também merece destaque quando ele menciona que suas raízes seriam brasileiras. Muito embora não esteja referindo-se às raízes enquanto origem, acredito que ele exprime aqui a relação de identificação com o país onde ele fixou seus rizomas.

Nesse sentido, os entrevistados são imigrantes sim, mas assentados e sem o desejo de retorno ou necessidade de conexão financeira com a família na sociedade de origem, pois, ao contrário, suas famílias estão na sociedade-lar. Nas palavras de Steve (2012), ele e a família são ‘enraizados’ na sociedade e na cultura. É com o intuito de desvelar esse processo de fixação estrangeira que passo à próxima abordagem: migração internacional.

## **MIGRAÇÃO INTERNACIONAL**

Teoria diretamente ligada a um dos fenômenos mais descritos na atualidade, a globalização, e que serve como pano de

fundo para repensar os deslocamentos e os processos complexos envolvidos neles, já que as abordagens até o final do século XX eram dominadas por dois grandes paradigmas (Castles, 2002): as migrações temporárias – *temporary* ou *guestworker* – e as migrações permanentes ou de fixação – *settlement*.

As migrações temporárias, ou mobilidades, como prefere chamar Charles Tilly (1990), são refletidas na figura do/a trabalhador/a convidado/a, o *guestworker* em inglês, *gastarbeiter* em alemão (Brettell, 2000). Terminologias que surgiram na Alemanha durante a década de 60 do século XX (Castles, 2000), como uma ‘solução’ para limitar e reduzir a entrada de imigrantes, já que estabelecia ‘perfis’ em relação ao tipo de mão de obra desejada pelos países que a requisitavam (Brinker-Gabler, 1997). Os/as trabalhadores/as convidados/as seriam os/as estrangeiros/as que vêm ao país a pedido de uma empresa, governo, de alguma organização que necessita dos serviços e, potencialmente, não consegue encontrá-los ou, no caso de Steve, que deseja conceder uma experiência diferenciada para os consumidores daquela sociedade:

é em parte, começou [a carreira com o Conselho Britânico] na Colômbia, foram eles que eram garantores [garantidor] do contrato que eu tive com a universidade colombiana. Mas, em México, dois anos também, comecei uma carreira que hoje em dia é impossível repetir, não existe mais esse tipo de trabalho com o Conselho Britânico, com o respaldo do Conselho Britânico. (Steve, 2012)

As empresas estabelecem relações de trabalho com cidadãos que possuem habilidades laborais específicas, ou pertencentes a um determinado grupo, nacionalidade, ou que falam determinada língua (Brettell, 2003), exemplificadas em duas instituições: a Cultura Inglesa e o Conselho Britânico. Às empresas contratantes, em alguns casos, ficam responsabilidades de necessidades básicas como prover moradia, transporte – Steve (2012) – e garantir, em especial no caso de trabalhadores estrangeiros, o visto que lhes concede o direito de trabalhar e viver no país durante período determinado, podendo ser prorrogado a pedido do empregador.

Nem sempre as relações de trabalho são explícitas ou promovem a formação de guetos, os chamados enclaves étnico-econômicos ou sub-economias étnicas que, segundo Ewa Morawska

(1990), empregam somente cidadãos que compartilham a mesma origem étnica. No caso de empresas supracitadas, acredito que há uma ‘transculturalização da mão de obra’ ao empregar sujeitos de origem anglo-americana, mas também empregam cidadãos locais onde se encontram instaladas, o que incapacita a visão de um grupo fechado de trabalhadores ‘étnicos’.

É importante ressaltar que o ato de cruzar fronteiras não é o indício peremptório de uma migração. Na verdade, “migração significa tomar residência por um certo período mínimo – vamos dizer de seis meses a um ano” (Castles, 2000: p. 270). Ainda que se deslocar do país de nascença para outro, completamente diferente, nos dias de hoje, represente um desvio do padrão, pois “[...] permanecer no país de nascença é ainda visto como normal e se mudar para outro país o desvio” (Idem.). Assim sendo, é com o olhar de quem se dedica a pesquisar o que é visto como “desvio” que dou ênfase às experiências dos sujeitos que entrevistei.

As migrações permanentes, ou de fixação (Castles, 2002), se referem aos deslocamentos de migrantes que se assentam no novo local, preferencialmente

um país ou localidade em ascensão econômica, se for o objetivo do sujeito, gradualmente se incorporando à economia, à política e à cultura, consolidando relações interpessoais, de trabalho, familiares, entre outras. Brettell (2003) deduz que migrações transatlânticas sinalizam permanência por força da logística entre origem e lar, principalmente nas condições econômicas e bélicas atuais que países como os Estados Unidos e os do continente europeu têm enfrentado.

Castles (2000) adiciona que as migrações estão sendo naturalizadas não somente no âmbito local, no caso daquelas entre cidades próximas, mas no âmbito regional, de um estado para outro, e no global e intercontinental, de um país para outro, atravessando oceanos e cruzando continentes. O deslocamento do ‘velho’ para o ‘novo mundo’, comum durante o século XIX e início do século XX, seria advindo das crises econômicas e financeiras (Brinker-Gabler, 1997), e das guerras ocorridas na Europa, daí a mudança para as ex-colônias na busca por melhores condições de vida. Peter, ao mencionar que seu tio havia sido o primeiro na família a migrar para a Nova Zelândia, destaca:

I guess nowadays I hear it's quite common [to migrate]. The world is so small. I guess it was quite impressive him doing it then in 1960s or 70s, I guess it was rarer, I think the time New Zealand were, they wanted teachers to come, and he went and he had a job, and it was all organized, I think. But eh, maybe a little bit, a little bit inspired [by him], I don't know. (Peter, 2013)

O panorama que situa o planeta em uma situação globalizante encurta distâncias e reduz a dimensão do globo terrestre através do progresso de tecnologias logísticas. Por exemplo, na aviação houve melhoramentos: o desempenho das aeronaves aumentou, o tempo de voos foi diminuído e, no campo institucional, a ampliação das malhas áreas e consequente aumento nas opções de destinos. Medidas que, em longo prazo, tornaram ‘o mundo pequeno’, usando a expressão de Peter. No caso do tio, o deslocamento era expresso na necessidade criada pela Nova Zelândia, à época entre os melhores padrões de vida do mundo, apesar de ter desenvolvimento econômico estrutural, de expandir sua ‘mão de obra acadêmica’ em um cenário de pós-guerra e desejo de competição com o mercado

mundial<sup>5</sup>, ‘importando’ professores recém-formados e que, potencialmente, teriam alta motivação no início da carreira. É interessante observar a ‘coincidência’ nas carreiras, uma vez que tio e sobrinho são professores e decidiram migrar para localidades transatlânticas. Acredito que, hoje em dia, a movimentação deixa de provocar um grande estranhamento para ser mais naturalizada.

Ao contrário do que alguns autores articularam sobre o deslocamento humano – um mecanismo que enfraquece o desenvolvimento, seja da sociedade que envia ou da que recebe migrantes, além de estimular a desigualdade (como relatado em Schiller e Faist, 2012; Isotalo, 2012; Schiller e Wimmer, 2002) –, Castles (2000) mostra o fenômeno migratório como positivo para o desenvolvimento de ambas sociedades. Enquanto cidadãos que vêm a convite, ou não, as ocupações contribuem para o crescimento da localidade de trabalho. De uma maneira ou de outra, todas as formas de deslocamento humano terão algum tipo de resultado

financeiro, ora com mais ênfase na economia de origem, como é o caso dos transmigrantes, ora na economia de destino, caso dos imigrantes que não desejam retornar<sup>6</sup>. É importante ter em mente que, a despeito das tipologias que se referem à permanência ‘temporária’ ou ‘definitiva’ dos sujeitos que se deslocam, estas se tornam limitadas quando pensamos nos sujeitos como atores sociais, isto é, pessoas que moldam suas decisões a partir da liberdade de ação e, por serem subjetivas, são sempre passíveis de mudança.

Appadurai (1996) alerta que, em alguns casos, a noção de lar pode ser fruto da imaginação do cidadão que se encontra fora do seu território de origem. Em sentido contrário, a categoria ‘lar’, em vários momentos utilizada pelos entrevistados, aponta sim para uma conexão de imaginação, não fantasiosa, mas de desejos e anseios futuros que podem ser realizados. Na visão de Brah (2003), o ‘lar’ realiza-se por meio das relações que incluem ou excluem o sujeito,

*posthumous* –, mas que, ainda assim, geraria algum tipo de renda para o país que envia e para o que recebe, tanto no setor de funerárias quanto no transporte de esquifes.

<sup>5</sup> Segundo informações disponíveis no site: <<http://eh.net/encyclopedia/article/Singleton.NZ>>. Acesso em: 30 out. 2013.

<sup>6</sup> A única potencial exceção seria o caso citado por Castles (2002) de migração *post-mortem*–

fazendo com que ele desenvolva pertencimento com o novo local ou retome o pertencimento com o local anterior. Para ela, existem duas posições na figura do lar: o ‘sentir-se em casa’ e o ‘declarar-se em casa’. Entendo que a primeira estaria relacionada às situações físicas de conforto, como a realização profissional, isto é, um aparato que promova o bem-estar físico do sujeito, e a segunda implicaria diretamente a noção de pertencimento e até o enraizamento com o local, por Steve (2012) declarado. Para ilustrar, trago o relato de Kevin:

Well, just I think that João Pessoa is my new home and I don't consider, at least at the moment, I don't have no considerations of going anywhere else. Quite the contrary, I want to establish myself here, I have my friends here now and I also have a lot of ideas about the future and people have been encouraging me to develop these ideas and plans and stuff, so I think it's gonna be something, so I think I'm gonna be a regular member here. (Kevin, 2012)

O que define a permanência dos sujeitos até esse momento é seu desejo de se conectar ainda mais com as culturas brasileiras, com os negócios brasileiros, de se realizar profissional e pessoalmente no local que escolheu para habitar. A constituição do lar, entretanto, não é imediata e faz parte do processo de

estabelecimento, como ele declara. A presença de amigos também sinaliza um elemento que auxilia na composição física e sentimental do lar. ‘Lar’ é uma categoria chave nesse relato, pois é através dela que Kevin exprime sua afinidade e pertencimento. A permanência é, do mesmo modo, legitimada pelo desejo futuro de realizações. Como a afiliação a uma corporação, ele ‘adere ao Brasil’, à cidade de João Pessoa, sendo membro e fazendo parte dela. Assim, até o momento em que as entrevistas foram concluídas, os sujeitos se apresentaram sem expressão de retorno, trazendo a categoria lar como elemento que sedimenta seu desejo de fixação.

Ao privilegiar uma categorização sistemática do deslocamento, em uma tentativa de levantar dados genéricos e propor uma universalização dos fenômenos migratórios, a migração internacional não se mostrou de todo útil para o que desejo priorizar: uma abordagem que revele as características subjetivas presentes nas narrativas e as motivações que os levaram a tomar a decisão de migrar, que priorizando a trajetória subjetiva, em detrimento da generalização. Mesmo assim, auxiliou-me

a compreender algumas das motivações que levam os sujeitos a se fixarem na sociedade-lar. Passo, então, a uma abordagem que pressupõe um sentimento prazeroso entre as pessoas, no que tange os deslocamentos humanos, ainda que aquele que assim se sente – cosmopolita – mantenha algum tipo de raiz ou peculiaridade social.

## **COSMOPOLITISMO**

Gustavo Lins Ribeiro (2005: p.22) inicia o seu artigo com uma questão básica que ‘preocupa’ muitos dos sujeitos que habitam o nosso planeta: “os seres humanos estão sempre querendo saber de onde as pessoas vêm”. Anthony Kwame Appiah (2006), por sua vez, acrescenta que essa curiosidade que as pessoas têm, de um modo geral, pelo que o outro faz, para onde o outro vai, ou, simples e basicamente, pela vida dos outros – ao que o autor sutilmente aponta como sendo ‘fofoca’ – “tem sido uma poderosa força para a conversa entre as culturas” (Appiah, 2006: p. 07). Essa preocupação está presente na minha investigação, porém sigo uma motivação acadêmica que vai além de saber a origem das pessoas, busco,

pois, desvendar as motivações e os meios de estabelecimento na sociedade-lar e como se dá essa ‘conversa cultural’ em meio a esse processo de adaptação.

O cosmopolitismo não é uma abordagem nova. Ao contrário, tem origem em uma das sociedades consideradas um dos pilares culturais: a grega. O vocábulo advém da locução grega, *kosmo polites*, termo cunhado pelo filósofo Diógenes, cuja tradução para o português corresponde à: cidadão do mundo. Hoje, século XXI, a noção contemporânea é reproduzida por Appiah (2007) ao articular as ideias desenvolvidas por Diógenes, sobre o perfil de um/a cidadão/ã cosmopolita: [...] (1) não precisamos de um único governo mundial; mas (2) devemos nos preocupar com o destino de todos os seres humanos dentro e fora de nossas sociedades; e (3) nós temos muito a ganhar a partir de conversas uns com os outros sobre nossas diferenças. (Appiah, 2007: p. 2376). Sob a ótica cosmopolita, três posicionamentos são essenciais: a noção da diversidade, a aceitação dela e a, conseqüente, presença da alteridade. Cidadãos cosmopolitas possuem o discernimento para reconhecer a diferença e com ela conviver:

[...] it was always a big difference coming from Europe, and Portugal, sometimes from Italy, sometimes it was quite a big shock. When I came here [João Pessoa] I felt really like almost in my element, just simple things, just to start with, the pronunciation, the way people talk here, it was not so hard, in the other parts of Brazil, *verdade* [...] (Kevin, 2012)

‘Estar em seu habitat’ traduz, simultaneamente, noções de pertencimento e alteridade. Desta forma, a posição singular dos sujeitos não pode ser generalizada, sendo mescla plural de experiências vividas pelos mesmos. Na identificação do/a cosmopolita, o sentimento de pertencimento a um local não representa uma necessidade imanente. Ele/a apenas se encontra naquela localidade e, embora viva e respire a localidade, ao mesmo tempo não tem a obrigação metodológica e sistemática de incorporá-la à sua maneira de ser. A localidade é a localidade do mundo. Se está em um local geográfico, faz uso de uma multitude de outras localidades simultaneamente, em função das experiências que vivenciou. Um bom exemplo dos significados apreendidos é relatado por Kevin ao tratar da aprendizagem linguística:

Yeah, just situations, life helps you

understand what words mean. And one of the problems was that with the lower class, the workers. They didn’t have the best vocabulary. I had to, with time I had to correct it but it was easy because I did a lot of reading in Portuguese. I try to read, you know? Whenever I get a hold of and also I was actually with Germans as well, so I was and the Germans I had actually to translate a lot for the Germans with whom I was staying and that also gave me another initiative for really working on my Portuguese so that was, for me that was important. Anyway, I love languages and I had the opportunity to, I speak six languages, so when I was in Italy I learned Italian, when I was in France I learned French, I would live with Germans so I would learn German, Spanish I learned at school, but I don’t use much just for reading purposes and Portuguese for being in speaking countries it was a given that I should learn and so I was always being in the countries where, life teaches you, you have to learn, it’s do or die. So I learned. (Kevin, 2012)

Ele não descarta suas experiências, vão sendo conservadas na sua ‘mala de mão’, e incorporadas às subjetividades, aos conhecimentos, compondo as identidades culturais, enfim a aprendizagem. A despeito das dificuldades aparentes e dos locais em que se encontra, qualquer experiência resulta em conhecimento adquirido. A diversidade é terreno fértil para acentuar o aprendizado. Embora ser cosmopolita signifique estar no mundo sem ter uma localidade propriamente dita, os entrevistados consideram João Pessoa

como sua localidade, a morada, seu lar, como exemplificado nas falas de Kevin (2012), Steve (2012) e Peter (2013).

Após realizar as entrevistas, observei que estava lidando com cidadãos que vivem harmoniosamente na sociedade-lar, em meio a um mundo acadêmico de ensino e aprendizagem – pois todos são professores de língua inglesa – e que não apresentam uma necessidade imanente de se localizarem em uma nação. São, portanto, pessoas orientadas pela noção cosmopolita de vida, de alteridade, de diversidade e de compartilhamento de conteúdos e aprendizagens. Acima de tudo, prezam o conhecimento sem limite de fronteiras e buscam, no outro, essa fonte de conhecimento, que pode ser atravessada pelas mais diversas experiências, dentre viagens e contatos cotidianos nos círculos de amizade e trabalho. Um cidadão que aceita e compartilha a diferença, ciente de que é diferente do outro habitante local.

Observei ainda que todos os sujeitos entrevistados fazem parte da diversidade que estimula os meios para a pluralidade dos (re)posicionamentos subjetivos. Apesar do cosmopolitismo ter muito em comum com os entrevistados,

existe um elemento particular aos deslocamentos deles que as teorias até agora abordadas não mencionam: o estilo de vida. Buscando avançar nessa linha de raciocínio, trago a migração por estilo de vida, para ilustrar outros elementos que exercem forças de atração e ou permanência na cidade.

### **MIGRAÇÃO POR ESTILO DE VIDA**

Em meio ao cenário dos deslocamentos na contemporaneidade, alguns autores dedicam pesquisas aos sujeitos que migram estimulados por uma característica que foge aos modelos tradicionais, modelo esse que vem sendo chamado de ‘estilo de vida’. A categoria pode aludir à maneira de viver que os sujeitos já possuem na sociedade de origem ou, em sentido oposto, que almejam ter, mas em outra sociedade, preferencialmente no exterior. Sobre esta última, Anthony Giddens (1991), ao refletir sobre a imagens do *self* e o desenvolvimento de novos estilos de vida, asseve que a fuga de modos opressores de vida leva o sujeito, que vive tal situação, à criação de novos estilos de vida, opostos aos que lhe desagradam.

Seguindo Giddens (1991), Mari Korpela (2011) situa que a ida para um país, ou local, diferente do seu, pode remeter a uma tentativa de se desprender de um possível caos vivido no local de nascença ou de trabalho. Todavia, nem sempre os primeiros deslocamentos completam o desejo de mudança dos sujeitos. Na tentativa de buscar outros estímulos para sua vida, Robert se deslocou do Reino Unido para São Paulo, entretanto, a mudança causou-lhe mal-estar, físico e mental: “Exactly, and I was in that routine, and so it became tired, and tiring and tiresome, I don’t particularly like that living in São Paulo, it affected my health, it affected my [h] mental health as well, to a certain extent [...]” (Robert, 2013). Assim, a partir do resultado da primeira migração (de Londres para São Paulo), ele vislumbra a necessidade de novo deslocamento, para uma localidade onde a saúde não seja prejudicada. A vida em SP é colocada na esfera de uma rotina prejudicial e que lhe relembresse a vida em Londres, da qual ele tentava escapar.

De um modo geral, a migração por estilo de vida pode ser associada a um “escape, um escape *de* algum lugar e de algo, enquanto, simultaneamente um

escape para a auto-realização e uma nova vida [...]” (O’Reilly e Benson, 2009: p. 03). Para Michaela Benson (2009), essa concepção tem circulado no meio acadêmico como referência aos sujeitos que se deslocam por razões que diferem das tradicionais – melhor condição de trabalho e financeira, por exemplo – e que circulariam na esfera de uma vida com melhor qualidade. Na perspectiva de Karen O’Reilly & Benson (2009), o conceito é visto de forma dinâmica, ampla e empiricamente aberto a atualizações, além de indicar indivíduos que se deslocam parcial – retornando ocasionalmente à terra natal para passar meses com a família – ou definitivamente. Apesar das autoras fazerem menção ao deslocamento em grupos, nem todos o fazem coletivamente.

Outros estudos mostram que seria característico da classe média ou de grupos mais abastados, como é o caso da pesquisa de Maria Casado-Diaz (2009) sobre ingleses que migraram para a Espanha. Casado-Diaz (2009) orienta que a expressão ‘migração por estilo de vida’, muitas vezes, indica um movimento de sujeitos aposentados, a chamada *International Retirement Migration* (IRM

– migração internacional de aposentados), que vem crescendo desde a década de 60 do século XX e constituiu um elemento comum àqueles/as que optam por migrar para outro país, estado, região ou cidade ao se aposentarem. A narrativa de John deixa clara a escolha por essa opção, apesar de ser colocada na esfera da sujeição, em ‘aceitar’ a aposentadoria: “[...] so in 2002 I decided to accept my early retirement and retire in Brazil [...]” (John, 2012). A decisão, *a priori*, mostra um John resignado, que se conforma em aposentar ‘cedo’, a despeito da economia do seu país, já que pode prover para sua família, quando da mudança para o Brasil, maior saúde e segurança. Razões como inconformidade com o tratamento recebido e, conseqüente, anseio de maior valorização pessoal, desejo de um local para envelhecer bem, são motivos apontados por aqueles que fazem parte da IRM.

A migração é enaltecida pelos sujeitos, enquanto atores sociais de suas próprias vidas, agenciando suas decisões sobre onde ambicionam envelhecer (Benson, 2009). A formação do grupo, ou o estabelecimento de relações de amizade, funciona como um dos meios para

aumentar o que Casado-Diaz (2009) menciona como “capital social”, isto é, as redes de relações interpessoais e de interação dos indivíduos, imigrantes ou não. A percepção de um local melhor para envelhecer permeia os ideais desses sujeitos: “[...] move to Brazil and enjoy a more comfortable lifestyle than I could ever imagine in England. [...] so I was thinking of my life and I think this would be a good place to grow old [...]” (John, 2012). Estilo, conforto e velhice circulam o campo semântico do discurso de sujeitos que almejam o bem-estar quando a carreira profissional não mais se fizer necessária.

Esse tipo de migração poderia configurar um movimento de contraurbanização, quando os sujeitos se deslocam do meio urbano para o meio rural, em busca de uma vida melhor. Brian Hoey (2009), que investiga o movimento do meio metropolitano para áreas rurais no nordeste do Michigan, EUA, identifica que, em algumas dessas situações, os indivíduos buscam o local personalizado na forma de refúgio, ainda que não seja totalmente ‘rural’, mas que, de alguma forma, seja oculto aos olhos da sociedade contemporânea, agitada e estressante, aquela localidade menos urbana, ou menos

visitada. Hoey (2009) e Korpela (2011) mostram que esse tipo de deslocamento emerge como pano de fundo para sujeitos que desejam ‘começar de novo’ ou ‘encontrar-se’ – no sentido de uma busca espiritual –, indicando algum tipo de crise pessoal, ou profissional, e desejo de escapar ao estresse das grandes cidades. Aliás, o local representa um elemento significativo para o imigrante por estilo de vida que, nessas situações, procura-o como refúgio ou asilo (Hoey, 2009). A necessidade de um ‘local-refúgio’ nem sempre alude à vontade sistemática de permanência nele e pode, surpreendentemente, provocar sentimentos ambivalentes motivados, talvez, pelo excesso de quietude do local:

I was thinking about when you were, said you were gonna come back, what we talked before, I like João Pessoa because it is kind of undiscovered, it has a good climate, it's a nice lifestyle, I like the people, but at the same time [ ], what I miss about England is kind of those same reasons. I miss big cities, I miss multicultural, I miss sometimes, you know the, almost like the stress, I think. (Peter, 2013)

Peter explora a dimensão da cidade na perspectiva de local-refúgio, pouco explorado, com população que o acolhe, ao mesmo tempo em que exprime

angústias, resultantes das experiências com sua sociedade de origem, por maior agitação na cidade.

Ao analisar relatos, Hoey (2009) descobriu que alguns dos seus entrevistados corporificaram o local, personificando-o através do uso de nomes ou associando-o a pessoas. Pessoas e lugares coexistem e se inter-relacionam nesse cenário e, juntos, transformam-se socialmente ao se instalarem (O'Reilly e Benson, 2009). Hoey (2009) opta por trazer uma designação peculiar de lugar como “paisagem terapêutica”, uma área que permite o recomeço, o (re)encontro com o *self*, um descanso da correria do mundo moderno que não pára e que prejudica a saúde, como relatado por Robert (2013) sobre sua estadia em SP.

O local, pois, enquanto paisagem terapêutica, funciona como um método de tratamento para os males pelos quais o sujeito se vê cercado. O encontro com o local de destino desperta no sujeito um outro olhar, outra forma de ser, de relacionar-se. O local passa a ter novos significados, um local de (re)construção de memórias e de recomeço, identificador (Garcês, 2006) e ‘identificante’ de lar, as palavras de Peter mostram essa

possibilidade: “We went back to England on holiday and then came back. What was interesting, when we were in England I wanted to come home, I missed João Pessoa and that was the time when I realized, you know, this is my home, and I was missing João Pessoa” (Peter, 2013). O local antes tido como ponto de contato para o intercâmbio, passa a local de nascimento da esposa e finalmente atinge a categoria local-lar, é elevado seu *status* de apenas o mero local de residência para ocupar a importância do lar, de acolhimento, e por isso, sente-se realizado e pare ele deseja retornar.

A noção de vida “mais recompensadora” (Benson, 2009) em oposição às experiências vividas na sociedade de origem é recorrente nas narrativas estudadas por Benson sobre bretões que se mudaram de centros urbanos para a França rural e nas narrativas dos meus entrevistados também. Além disso, a autora, ao elencar ações que os sujeitos realizam, aproximando-os dos moradores locais ou, simplesmente, diferenciando-os dos compatriotas, observou que, por vezes, alguns deles agrupam-se ou procuram distinguir-se de seus semelhantes. Nesse

sentido, Gary é taxativo quanto a sua relação com outros estadunidenses:

And there had been other Americans here who also I think have adapted very poorly to Brazil. I have no idea why they came. I did not have any desire to work with them and for that reason I myself have not attempted to make contact with other, especially with other Americans, because of my experience almost entirely negative, with other Americans. (Gary, 2012)

O isolamento de Gary é reflexo de experiências malsucedidas com outros estadunidenses e até mesmo outros estrangeiros com quem teve contato. Ele não revela detalhes sobre a adaptação desses outros sujeitos, indicando apenas sua insatisfação e até mesmo estranhamento quanto à motivação de deslocamento dos mesmos. A distinção entre os compatriotas, ou membros de outras culturas é, muitas vezes, realizada através da construção de imagens estereotipadas sobre o outro e serve para revelar o quão próximo os cidadãos estão, ou da sociedade de origem ou da sociedade-lar, através do sentimento de pertencimento que desenvolvem. Benson (2009) assevera que formas de representar o outro dizem mais sobre aqueles que falam do que sobre os outros propriamente

ditos. Ao comparar o Brasil aos Estados Unidos, Steve promove a sua percepção sobre os países em relação à Inglaterra:

eu acho que existe [hospitalidade para com os estrangeiros]. É como eu costumo dizer que o Brasil é como os Estados Unidos, é uma nação de crianças né, metaforicamente. Brasileiros são como os americanos, em geral, são, são mais inocentes no sentido que, o país é tão grande que a primeira pergunta não é ‘de qual país você vem?’ Senão ‘de que parte do Brasil você vem?’ (Steve, 2013)

Aqui temos a dimensão da constituição da comunidade imaginada inglesa em um padrão superior. A imagem que Steve tem de si, enquanto representante da Inglaterra, advém de um quadro cultural construído pela nação britânica, no qual a representação sobre o outro traça um paralelo entre Brasil e Estados Unidos, demonstrando a percepção de uma Inglaterra anciã e, portanto, com anos de experiência cultural e em dimensão geográfica. Tilly (1990) reflete que as relações de percepção entre o sujeito imigrante e o outro, sujeito nativo, podem estar relacionadas ao posicionamento social e geográfico desses. Norbert Elias e John Scotson (2000) acrescentam que a autoimagem vem cercada de determinadas implicações

do próprio *self* e também de impressões construídas ao longo dos tempos. Seria o que Eunice Nodari (2009) alude a um agrupamento dicotômico entre o ‘nós’ e o ‘eles’, quando realiza estudos sobre descendentes de imigrantes no Sul do Brasil.

Cito, então, a relação de ausência e presença. Nela, discursos sobre o ‘nós’ e o ‘eles’ seriam orientados pelas características que existem no ‘nós’, mas inexistem no ‘eles’ e vice-versa. Por um lado, a percepção de si e dos outros pode variar em decorrência do grau e frequência de interação entre os sujeitos e, quando não há tal interação, muito da percepção sobre o outro vem à superfície narrativa a partir de observações estilizadas. Por outro lado, se há uma ação recíproca de troca de conhecimentos e experiências, muito da percepção sobre o outro partirá do que é vivenciado. Peter ilustra a vivência com o ‘eles’:

And [ ] another one [anecdote]. Last weekend. We have a lady who washes our clothes, so she lives in Recanto do Poço, so quite humble, very humble, poor family and I, so I take the clothes to them and they clean them and I go and pick them up and I pay them. So I ring them up: ‘are you at home? Can I bring my clothes?’ ‘Yeah, yeah, come round’. It was on a Saturday. They take them on a Saturday, and they wash them

on a Monday and then I pick them up. So I went round and there were cars all out the street and they were having like a party. It was terrible. I was really embarrassed: ‘come in Peter’, ‘Peter’, ‘come in, come in’. So I went in, and I didn’t know anyone, I know the the ladies who wash the clothes, ‘cause they wash my wife’s family’s clothes for years, so I know them quite well, but I didn’t know any of the guests and ‘come in, come in, have a ... do you wanna a beer?’ [...] So I had to eat, [drink] two beers, in about half an hour, I had two cans of beer, and two plates of *ensopado de camarão e marisco*. (Peter, 2013)

Aqui, no relato de Peter percebo que a interação lhe permite aproximação e compreensão de práticas sociais as quais ele não tinha experiência, nem muito menos esperava ter, pois afinal não possuía relações interpessoais de afeto com as pessoas, somente de trabalho, é relevante para a construção da relação com o ‘nós’. A partir desse contato ele promove observações sobre relações no que tange às situações sociais com determinados grupos. Usa o adjetivo ‘terrível’, não para descrever o local ou as pessoas e sim a circunstância em que se viu: rodeado e sem perspectiva de ‘escape’ ao convívio social com pessoas que desconhecia. Ao final, o uso do adjetivo é contrastado com a experiência cultural – e gustativa – que ele teve. Além disso, Peter faz questão de

destacar a posição financeira dos sujeitos da narrativa, atentando que, para ele, é o contraste entre a ausência de recursos e a presença de bens de consumo que podem apresentar um valor um pouco mais custoso, como é o caso do camarão:

And again this I know it’s a bit stereotypical but these are very, these are poor people, and so that was it, a good example and [ ] they just , you know, these people, and the parties and what we were talking to me. They didn’t have a clue of who I was and they were giving me their food. And I was all the time ‘I will leave’, and they get offended if you walk out, so I had to stay. (Peter, 2013)

É possível perceber pelo trecho acima que Peter está atento às práticas sociais referentes à aceitação de convites, de alimentos, de permanência no local durante determinado período de tempo em respeito ao ritual de festa ou à confraternização em que se encontra, o que convencionou-se chamar no vocabulário popular de ‘fazer a social’. Mas o que promove a chegada desses sujeitos estrangeiros e sua permanência na sociedade-lar?

## ESCAPANDO À TAXONOMIA E PONDERANDO SOBRE A MIGRAÇÃO

O fato é que em meio aos contatos, os deslocamentos, individuais, com família ou em grupos maiores, emergem no cenário da vida de sujeitos que desejam e buscam melhor qualidade de vida, satisfação pessoal e para familiares, além é claro, da ampliação na expectativa de vida que pode ser gerada a partir do alcance dessas metas. Aqui, o deslocamento gira em torno do estilo de vida (Peter, 2013) mas são estilos diferentes que cada cidadão teve na sua sociedade de origem e está apto a desenvolver outros na sociedade-lar, os quais devem ser considerados em suas particularidades e não como um bloco homogêneo.

Apesar de muito se aproximar do que as narrativas dos meus entrevistados revelam, o quadro teórico da migração por estilo de vida não acomoda as experiências vividas pelos entrevistados, isto é, ainda existem algumas lacunas que precisam ser preenchidas, por exemplo para a compreensão das trajetórias subjetivas desses homens e a noção de serem afetados pela cultura. Por esse viés, apresento a necessidade do amálgama entre os conceitos selecionados sobre o transnacionalismo, a migração

internacional, o cosmopolitismo e a migração por estilo de vida associados ao empirismo que a análise das narrativas permite na busca de uma reflexão teórica que melhor caracterize os sujeitos aqui entrevistados e seus deslocamentos.

Desejo de aventura e de explorar o desconhecido, anseio por uma vida melhor em situações climáticas mais aprazíveis, constituição da família, escape às situações perigosas, alguns elementos que compõem o quadro que fixa os sujeitos na sociedade-lar. Não obstante, a fixação, para ser completa, salutar e bem-sucedida, demanda encargos financeiros que, por sua vez, requerem a necessidade de atividade ocupacional remunerada. Nesse sentido, o desejo de não retornar é reforçado pelo empreendimento, garantias, no mercado de trabalho brasileiro.

Deslocamentos, quase que inevitavelmente, podem representar uma forma de escape. Escape ao governo, à política que pode ser incômoda e até mesmo persecutória, ao fanatismo ou às perseguições religiosas, escape à natureza que ameaça a vida e a saúde, ou, simplesmente, um escape ao mal-estar que a vida na sociedade de origem proporciona. Esse escape desencadeia

desejos de satisfação pessoal, de realização do *self*. Desejos que poderiam ser idílicos, mas que se materializam no deslocamento.

Destarte, resolvo pensar um pouco alto e apresentar a seguinte sugestão: uma abordagem híbrida, que possa amalgamar traços das reflexões teóricas apresentadas, aliadas às interpretações que se ajustam às minhas inquietações, advindas das entrevistas que realizei e que, percebi não serem inteiramente contempladas. Um olhar que escape à noção cristalizada nas reflexões teóricas e teorias clássicas sobre migrações vêm convencendo. Trago essa proposição que, em minha opinião, funciona mais como um conhecimento especulativo, um princípio de abordagem, que poderá, sempre, vir a ser complementado, mas que neste momento atende às expectativas da localização em que me inscrevo hoje. Uma proposição formulada em um momento posterior à realização das entrevistas. Logo, é a partir das minhas impressões, das anotações e das entrevistas *per se* que a moldo, pensando sobre os processos singulares que envolvem os deslocamentos humanos e processos posteriores de adaptação a nova localidade.

Proponho então, para além das reflexões teóricas clássicas sobre deslocamentos, pensar em interpretações que tragam como pano de fundo os deslocamentos por afetividades. Afetividade culturais pelo país para onde o sujeito migra, anteriores à viagem ou decorrentes dela. Como um escape ao que o ‘destino’ lhe guardava na sociedade onde nasceu, eles lançam mão da oportunidade que lhes surge. Ao escapar desse destino, posso dizer que os sujeitos empoderam-se, já que mudam a sequência dos acontecimentos que, potencialmente, viriam a permear suas vidas. Afetividades amorosas também são alocadas já que ora antecedem a vinda, ora são provocadas pela inserção dos sujeitos na cultura. É o escapismo.

O escapismo pressupõe um deslocamento que deixa para trás o perfil sistemático da análise migratória como uma investigação social, econômica, financeira, política, ambiental, etc., e vai em direção a um estudo dos sujeitos e dos sentimentos que eles desenvolvem no decorrer dos processos de deslocamentos e como estes são evidenciados nas narrativas. No princípio, o escapista parece ser um sujeito egoísta, preocupado consigo

e com desejo de mudanças de maneira individualista. Contudo, mais adiante percebo um sujeito com espírito aventureiro, que almeja, acima de tudo, explorar o mundo no qual ele vive. Para tanto, sua vila, cidade, grande ou pequena, metrópole ou não, torna-se insuficiente e sua necessidade de saber, seu desejo de conhecimento, é maior e ele tem que partir em busca do fomento desse saber.

São sujeitos que vivenciaram mudanças significativas e variados níveis, cultural, profissional, pessoal; que se deslocaram motivados por uma visão de mundo diferente, por uma profissão distinta, por uma fuga ao seu destino social (Ouverney-King, 2014b), mas que não desejam retornar ao país de origem, trazendo a sociedade-lar como o componente que solidifica o seu desejo de fixação na *Terra Brasilis*, sua permanência é definida pela conexão com a cultura brasileira, desejos e realizações em curso, ou ainda por vir.

## Referências

ANDERSON, Benedict (1990), *Imagined Communities. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. 6ª ed. London, New York: Verso.  
APPADURAI, Arjun (1996), *Modernity at large. Cultural dimensions of Globalization*. Public

Words. Minneapolis: University of Minnesota Press.

APPIAH, Kwame Anthony. The case for contamination. *New York Times*, New York, 01 jan. 2006. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2006/01/01/magazine/01cosmopolitan.html?e...eb5e1741c&ex=1293771600&partner=rssnyt&emc=rss&pagewanted=print>. Acesso em: 20 nov. 2012.

APPIAH, Kwame Anthony (2007), “Global Citizenship”, *Fordham Law Review*, New York, v. 75, n. 5, article 3, jan. Disponível em: <http://ir.lawnet.fordham.edu/flr/vol75/iss5/3>. Acesso em: 20 nov. 2012.

BENSON, Michaela (2009), “A desire for difference: British lifestyle migration to Southwest France”, in BENSON, Michaela & O’REILLY, Karen (eds.) *Lifestyle migration: expectations, aspirations and experiences*. Aldershot: Ashgate. Disponível em: [http://academia.edu/1198740/A\\_desire\\_for\\_difference\\_British\\_lifestyle\\_migration\\_to\\_southwest\\_France](http://academia.edu/1198740/A_desire_for_difference_British_lifestyle_migration_to_southwest_France). Acesso em: 26 jun. 2013.

BRAH, Avtar (2003), *Cartographies of Diaspora: Contesting Identities*. Gender, Racism, Ethnicity Series. New York: Routledge.

BRETTELL, Caroline B (2000), “Theorizing migration in anthropology. The social construction of networks, identities, communities and globalscapes”, in BRETTELL, Caroline & HOLLIFIELD, James, *Migration theory: talking across disciplines*. New York: Routledge.

BRETTELL, Caroline. *Anthropology, migration, and the Portuguese diaspora*. In: BRETTELL, Caroline. **Anthropology and migration**. Essays on Transnationalism, Ethnicity, and Identity. California: Altamira Press, 2003.

BRINKER-GABLER, Gisela & SMITH, Sidonie (eds.) (1997), *Writing new identities. Gender, nation and immigration in contemporary Europe*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

CASADO-DIAZ, Maria Angeles (2009), “Social capital in the sun: bonding and bridging social capital among British retirees”, in BENSON, Michaela & O’REILLY, Karen (eds.) **Lifestyle migration: expectations, aspirations and experiences**. Aldershot: Ashgate. Disponível em: <http://eprints.uwe.ac.uk/12802/2/2009%20social%20capital%20CasadoDiaz.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2013.

CASTLES, Stephen. International migration at the beginning of the twenty-first century: global trends and issues. *International Social Science Journal*,

v. 52, n. 165, p. 269-281, set. 2000. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1468-2451.00258/abstract>. Acesso em: 25 jun. 2012.

CASTLES, Stephen (2002), “Migration and Community Formation under Conditions of Globalization”, *International Migration Review*, New York, v. 36, n. 4, p. 1143-1168, inverno. Disponível em: [http://www.abdn.ac.uk/sociology/notes07/Level5/SO5512/Week\\_10\\_\(2\).pdf](http://www.abdn.ac.uk/sociology/notes07/Level5/SO5512/Week_10_(2).pdf). Acesso em: 25 jun. 2012.

DINER, Hasia R. (2000), “History and the study of immigration. Narratives of the particular”, in BRETTELL, Caroline B. & HOLLIFIELD, James B, *Migration theory: talking across disciplines*. New York: Routledge.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L (2000), “Ensaio teórico sobre as relações estabelecidos-outsiders”, in ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L, *Estabelecidos e outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

FRIEDMAN, Susan Stanford (2001), “Locational Feminism: Gender, cultural geographies and geopolitical literacy”, in DEKOVEN, Marianne. *Feminist locations: global and local, theory and practice*. New Brunswick, NJ: Rutgers UP. Disponível em: <http://www.women.it/cyberarchive/files/stanford.htm>. Acesso em: 18 out. 2012.

GARCÉS, Alejandro H. (2006), “Configuraciones espaciales de lo inmigrante: usos y apropiaciones de la ciudad”, *Papeles del CEIC [online]*, set. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=76500601>. Acesso em: 27 jun. 2013.

GIDDENS, Anthony (1991), “The trajectory of the self”, in GIDDENS, Anthony. *Modernity and self-identity. Self and society in the late modern age*. Stanford, California: Stanford University Press.

GILROY, Paul (2006), “British cultural studies and the pitfalls of identity”, in DURHAM, Meenakshi Gigi & KELLNER, Douglas M, *Media and cultural studies: keywords*. Rev. Ed.. USA, UK, Australia: Blackwell Publishing.

HALL, Stuart (2003), “Da diáspora: identidades e mediações culturais”, in SOVIK, Liv (org.). *Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil*.

HOEY, Brian A (2009), “Pursuing the good life: American narratives of travel and a search for refuge”, in BENSON, Michaela & O'REILLY, Karen (eds.), *Lifestyle migration: expectations,*

*aspirations and experiences*. Aldershot: Ashgate. Disponível em: [http://www.brianhoey.com/articles/Hoey\\_2009.pdf](http://www.brianhoey.com/articles/Hoey_2009.pdf). Acesso em: 26 jun. 2013.

KORPELA, Mari (2011), “Me, myself and I: Western Lifestyle migrants in search of themselves in Varanasi, India”, *Recreation and Society in Africa, Asia and Latin America*, v. 1, n. 1, jun. Disponível em: <https://journal.lib.uoguelph.ca/index.php/rasaala/article/view/1500/2094>. Acesso em: 15 jul. 2013.

ISOTALO, Riina (2012), “Politicizing the transnational. On implications for migrants, refugees and scholarship”, in SCHILLER, Nina Glick & FAIST, Thomas, *Migration, development and transnationalization, A critical stance*. New York: Berghahn Books.

MORAWSKA, Ewa (1990), “The sociology and historiography of immigration”, in YANS-MACLAUGHLIN, Virginia (ed), *Immigration reconsidered. History, sociology and politics*. New York/ Oxford: Oxford University Press.

NODARI, Eunice Sueli (2009), “Construindo a memória pública”, in NODARI, Eunice Sueli, *Etnicidade renegociadas: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC.

OUPERNEY-KING, Janylle Rebouças (2014a), “Relações discursivas de alteridade e corporificação: Narrativas de ingleses no Brasil”, *ARTEFACTUM – Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia*, n.1, 2014. Disponível em: <http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/404>. Acesso em: 22 nov. 2014.

OUPERNEY-KING, Janylle Rebouças (2014b), *Escape às origens: e trajetórias de estrangeiros em João Pessoa*. Orientador, Marcos Fábio Freire Montysuma; coorientadora, Carmen Silvia de Moraes Rial. Florianópolis: UFSC.

O'REILLY, Karen & BENSON, Michaela (2009), “Lifestyle migration: escaping to the good life?”, in BENSON, Michaela & O'REILLY, Karen (eds.), *Lifestyle migration: expectations, aspirations and experiences*. Aldershot: Ashgate, Disponível em: [http://www.ashgate.com/pdf/SamplePages/Lifestyle\\_Migration\\_Ch1.pdf](http://www.ashgate.com/pdf/SamplePages/Lifestyle_Migration_Ch1.pdf). Acesso em: 26 jun. 2013.

RIBEIRO, Gustavo Lins (2005), “What is cosmopolitanism?”, *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, v.2, n. 1/2, jan/dec. 2005. Brasília, ABA. Disponível em: <http://www.vibrant.org.br/issues/v2n1/gustavo->

[lins-ribeiro-what-is-cosmopolitanism/](#)>. Acesso em: 20 nov. 2012.

RICH, Adrienne (2002), Notas para uma política da localização (1984), in MACEDO, Ana Gabriela (org.), Gênero, desejo e identidade. Lisboa: Cotevia.

SCHILLER, Nina Glick & WIMMER, Andreas (2002), “Methodological nationalism and the study of migration”, *European Journal of Sociology*, vol. 43, n. 2, p. 217-240, ago.

SCHILLER, Nina Glick & FAIST, Thomas (2012), *Migration, development and transnationalization. A critical stance*. New York: Berghahn Books.

TILLY, Charles (1990), “Transplanted networks”, in YANS-MACLAUGHLIN, Virginia (ed), *Immigration reconsidered. History, sociology and politics*. New York/ Oxford: Oxford University Press.